

NOTA DE PESAR DA ANPPOM PELO INCÊNDIO DO MUSEO NACIONAL

A *Presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*, vem pela presente nota, manifestar seu profundo pesar e indignação pelo incêndio ocorrido no *Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, ocorrido na madrugada do dia 2 de setembro de 2018, destruindo parte considerável do Patrimônio Histórico, Cultural e Científico Brasileiro. Tal fato vem comprovar, mais uma vez, o descaso habitual do governo na preservação de nossos bens culturais e históricos que se estende em igual proporção aos dirigentes das universidades públicas responsáveis pela preservação deste patrimônio e que, por razões diversas, não são capazes de reivindicar do poder público, soluções plausíveis de preservação desses repositórios culturais, antes que acontecimentos drásticos como esse possam ocorrer. Nós, cidadãos brasileiros, somos igualmente responsáveis por nos calar diante desta situação e não atribuir à memória histórica e cultural do país o seu real valor.

Assistimos, com habitualidade, que medidas de preservação desses bens nunca são priorizadas pelos governantes e, catástrofes como essas, quando acontecem, parecem contemplar soluções caóticas, improvisadas e inapropriadas, com destinação de verbas sempre insuficientes, já que elas não são capazes de repor o patrimônio perdido e nem adequar os prédios e os bens culturais com ações adequadas e uma tecnologia de ponta, bastante presente em nossa sociedade e nos demais países, como vem ocorrendo com os países europeus e orientais, que adotam medidas sérias e comprometidas com a preservação deste legado humano.

Hoje foi o Museu Nacional, no passado o Museu da Língua Portuguesa e outros tantos que vimos ruir sem maiores preocupações governamentais no sentido de adotar medidas preservativas da memória cultural e histórica brasileira. Tal fato evidencia o descaso das políticas públicas no sentido de preservar e intensificar a produção do conhecimento humano seja como fator educativo, seja como possibilidade de pesquisa, ou simples preservação.

Tal descaso atinge ainda os centros biológicos e os demais centros do saber. Como exemplo, o Museu do Instituto Biológico, único Jardim Zoológico de insetos do Brasil, autorizado pelo Ibama e Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São e que tem como objetivo mostrar a importância desses animais na natureza e para os seres humanos. Desde de 2014, esse centro aguarda o cumprimento de uma ação governamental para restauração do edifício que apresenta

problemas de infiltração de água, vazamentos de esgoto, más condições da rede elétrica, entre outros. Se realizado uma fiscalização nos demais centros, vamos verificar que boa parte deles detém os mesmos problemas.

O desastre ambiental ocorrido em Mariana também vem comprovar a irresponsabilidade dos governantes em promover uma política de ajuste, tanto jurídica como administrativa e de fiscalização, a ser implantada nas empresas que se beneficiam de exploração dos bens da natureza, sem uma preocupação em preservar o solo e o contingente humano.

A população brasileira tem focado nos últimos meses sua atenção no processo eleitoral a se deflagrar em outubro deste ano, contudo não se dá conta da importância de reivindicar dos governantes eleitos uma posição ponderada no sentido de solucionar os inúmeros problemas que afligem nossa sociedade.

Fico desmotivada e angustiada ao pensar que todas as notas de repúdio e de pesar encaminhadas pelas inúmeras associações de classe, não poderão trazer de volta o que foi perdido. A fragilidade de nossa atuação enquanto organismo representativo de uma das áreas de conhecimento não é capaz de se insurgir contra essa situação calamitosa. Como educadora, penso que se medidas drásticas não foram tomadas, pouco haverá a se ensinar aos nossos jovens, pois tanto a pesquisa como a nossa memória histórica, estarão bastante comprometidas e desfalçada de vivências e memórias preservadas.

Assistimos a décadas, o descaso com a distribuição e a alocação dos recursos públicos, agravadas pelo imenso contingenciamento recente que essas áreas tiveram por parte do Governo Federal.

Solidarizamo-nos com as demais associações nesse momento tão doloroso pelo qual passa a Ciência e a Cultura Nacional e estamos profundamente apreensivos com relação ao destino que o governo pretende adotar, já que cada vez mais temos presenciado a diminuição crescente dos recursos públicos e privados destinados a salvaguardar este patrimônio humano.

O que foi perdido representa parte de um patrimônio cultural incalculável de documentação histórica, antropológica, paleontológica e arqueológica, constituído e preservado desde a criação deste Museu em 1818. Como já demonstrado por outras associações, foram 200 anos de uma história que acompanha os tortuosos caminhos da nação brasileira. Dentre os diversos programas de pós-graduação que o Museu Nacional/UFRJ abrigava, destaca-se a presença do primeiro programa de pós-graduação em Antropologia Social do Brasil, o PPGAS, criado em 1968, com importância destacada tanto para se entender a história da disciplina como das Ciências Sociais brasileiras, inclusive tendo uma trajetória comum

com a ANPOCS, seja na participação de docentes e discentes em seus encontros anuais, como também a presença marcante de diversos antropólogos convidados.

Como aponta o musicólogo Prof. Dr. Paulo Castagna, entre 20 milhões de itens, o Museu Nacional possuía a coleção etnológica da musicóloga Helza Camêu, além de instrumentos e gravações de músicas dos índios Parecis e Nhambiquaras, coletados e produzidos por Edgar Roquette-Pinto na Serra do Norte, em 1912, exemplos musicais posteriormente utilizados em composições de autores brasileiros como Heitor Villa-Lobos e Oscar Lorenzo Fernández. A música era uma pequena parte do Museu Nacional, que abrigava entre outros, o crânio de Luzia (11 mil anos), o meteorito Bendegó (encontrado na Bahia em 1774 e que exigiu o esforço de mais de um século para ser transportado ao Rio) e muitos outros.

A perda é irreparável e aponta para uma tendência que já tem sido contumaz em nosso governo, de promover cortes constantes na preservação do nosso patrimônio cultural em favor da implantação de uma Educação significativa para o nosso país.

Esperamos que ao nos solidarizarmos com as demais associações culturais, sejamos ouvidos e que possamos alertar a comunidade em geral e os nossos associados que medidas urgentes devem ser tomadas sob uma perspectiva pluridimensional.

*Sonia Regina Albano de Lima
Presidente da ANPPOM (2017/2019)
04 de setembro de 2019*